

# OS GUARDIÕES SELVAGENS

A FLORESTA NEGRA

LIZ FLANAGAN

ILUSTRAÇÕES DE Joe Todd-Stanton

nuvem  
de letras



*Para Abi e Phil, com gratidão*



## CAPÍTULO UM



A MANHÃ EM QUE A SUA VIDA FICARIA VIRADA do avesso, a Rowan só conseguia pensar na corrida contra a sua melhor amiga, a Bella. Nenhuma das outras crianças era tão rápida como elas. Esta corrida provaria quem conhecia melhor os segredos da cidade, quem era mais veloz e mais ágil. Encostadas às muralhas da cidade, esperavam que o sino marcasse a hora, ambas determinadas a ganhar.

— A tua mão nem sequer está a tocar na porta! — queixou-se a Rowan. — Tu sabes as regras, e até foste tu que inventaste esta.





— Está coberta de teias de aranha, que nojo! —  
A Bella esticou os dedos, raspando muito ao de leve na enorme porta de madeira com dobradiças de ferro ferrugentas. — Nem sequer sei porque é que existe uma porta, já que está sempre aberta.

A Rowan teve vontade de se rir da expressão da amiga, mas olhou em frente, planeando a sua rota através das ruas de Holderby até à torre de vigia nos jardins do palácio.

— Desta vez, não há batota: os teus pés não podem tocar no chão, lembras-te? — Esta regra era dela, o que tornava as coisas mais interessantes.

— Na última vez, não foi no chão que tocaram, foi no Milo! — riu-se a Bella. Ela tinha ganhado a última corrida usando o seu irmão para atravessar uma zona complicada no meio da rua.

O sino tocou, batendo as horas.

— Partida! — disse a Rowan ofegante, e entraram as duas em ação.

A Rowan subiu a muralha leste da cidade, usando pedras desniveladas como apoios para as mãos e depois içou-se para um telhado plano. A partir dali, era relativamente simples percorrer cuidadosamente





a fila de lojas e casas. Ela sabia onde se encontrava pelos cheiros que flutuavam até lá acima: sobre a padaria sentia um vapor delicioso; nas traseiras da forja evitava a explosão férrea de calor que subia; continha a respiração enquanto passava na oficina de curtumes, com o cheirete dos couros que secavam. Algumas pessoas acenavam; outras ignoravam-na; e o talhante rabugento resmungou qualquer coisa sobre crianças bravias que não tinham nada melhor que fazer.

Ela não olhou para cima, concentrando-se somente no seu próximo passo. Chegou ao fim da rua. Esta era a parte difícil: estava demasiado longe para saltar para o telhado do outro lado da rua, mas ela estava a contar que aparecesse ajuda. E, tal como esperara, uma carroça aproximou-se, carregada de fardos de palha, dirigindo-se para os estábulos do palácio, onde estava o seu pai... Mesmo a tempo! Quando a carroça se aproximou, ela saltou, aterrou lá em cima e rebolou, sentindo a palha áspera a arranhá-la através da sua túnica gasta de linho.

— Ei, tu aí. Atrevida! Sai da minha carroça! — gritou-lhe o condutor.

— Obrigada!





A Rowan pôs-se de pé depressa, calculando o momento na perfeição, e depois saltou pelo outro lado da carroça, para uma alta muralha de pedra. Esta era outra parte difícil.

A sua mão agarrou uma pedra, mas estava solta. A pedra desprendeceu-se completamente da parede, batendo-lhe na perna e esmagando-se no caminho lá em baixo.

— Ai! — Amanhã teria uma bela nódoa negra naquela perna. A Rowan pendurou-se com a outra mão, tentando segurar-se com os pés. Não podia cair agora!

Cerrou os dentes e agarrou-se com tanta força que os seus dedos ardião, mas conseguiu içar-se novamente para o cimo da muralha.

Ofegante, olhou à sua volta. Finalmente! Já estava perto de casa — os quartos arejados por cima da zona dos estábulos. Seguiu pelo seu atalho preferido através dos jardins do palácio, mantendo-se junto às paredes, sem nunca tocar no chão. Uma vez, ela até tinha jogado este jogo com o próprio príncipe. Ele era mais novo e caíra no lago dos peixes a tentar apanhá-la. Ela levara-o a salvo para casa, feliz, sujo, ligeiramente húmido, mas totalmente ileso.







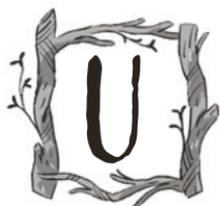
Os seus lábios curvaram-se num sorriso. Hoje, seria ela a ganhar! Subiu a uma macieira, correu como uma seta ao longo de uma muralha alta coberta de heras e depois chegou à torre de vigia propriamente dita. Esticou os braços para cima e começou a escalar. O céu da manhã estava azul e o sol aquecia-lhe as costas enquanto subia cada vez mais.

Estava quase no topo quando ouviu vozes e se apercebeu de que a torre de vigia já se encontrava ocupada.

E não era pela Bella.



## CAPÍTULO DOIS



U PS. A ROWAN PAROU DE SUBIR QUASE NO topo da torre de vigia. Ela não podia arriscar-se a ser vista pelos guardas e ser expulsa agora. Teria de esperar que eles se fossem embora.

Agarrou-se às velhas pedras com as mãos e com os pés. Os seus braços começaram a doer. As pernas começaram a tremer. *Despachem-se*, pensou, enquanto esperava.

Dois adultos conversavam sobre coisas aborrecidas que ela já tinha ouvido antes: uma guerra longínqua, travada por um país chamado Estria. Ela não





sabia o que isso poderia ter que ver com eles — não existia guerra nenhuma ali em Gallren.

A Rowan deixou de ouvir enquanto observava um pombo que planava e aterrava nos jardins lá em baixo, onde havia um pequeno pombal. O pássaro tinha uma mensagem atada à pata — de onde estava, a Rowan conseguia ver um rolo de papel minúsculo.

*Pareces cansado*, pensou ela enquanto olhava para o pombo. *Espero que possas descansar agora*.

O pombo inclinou a cabeça e olhou diretamente para ela, como se a tivesse ouvido. A seguir, o Sam, o rapaz dos pombos, correu para retirar a mensagem e deu ao pássaro água e comida bem merecidas.

— Quando é que o exército do Kaine Stonelaw chegará cá? — disse uma voz de mulher, na torre por cima da Rowan.

— A qualquer momento. Estou à espera de um bilhete dos nossos guardas fronteiriços — respondeu um homem.

A primeira pessoa disse:

— O Stonelaw acha que pode simplesmente vir cá e tirar-me o meu país? Não sem lhe darmos luta. Gallren não desistirá.



— Não temos muito tempo — disse o homem. — Para onde ireis?

— Oh, eu não me vou embora! — respondeu a mulher.

— Vossa Majestade, temos de manter-vos a salvo.

*Vossa Majestade?* A Rowan quase caiu da torre, mas enfiou os pés com mais força por entre as pedras e conseguiu segurar-se. Ela estava a espiar a conversa da rainha! Era provável que existissem castigos para isso.

Espreitou por cima do ombro, à procura da Bella, para poder avisá-la de que se mantivesse afastada, mas ainda não havia sinal da amiga.

— Eu não abandonarei o meu povo — dizia a rainha. — Se lhes vou pedir para lutarem e para nos defenderem, tenho de estar aqui. Aconteça o que acontecer.





— Pelo menos, envie o príncipe para longe — sugeriu a outra pessoa.

— Não. — A voz da rainha soou teimosa, determinada. — Que mensagem é que isso passaria? Que somos cobardes? Não. Vamos ficar mesmo aqui em Holderby. Sei que nos mantereis a todos a salvo.

A outra pessoa suspirou.

— Daremos o nosso melhor, Vossa Majestade, mas a guerra com Estria chegará.

— E os nossos soldados são os melhores e mais corajosos — disse a Rainha Silvana com firmeza.

Passados alguns instantes, afastaram-se os dois, ainda a conversar, e a Rowan conseguiu ver claramente a rainha, com o seu longo manto de veludo, e o general, com o seu chapéu e uniforme elegantes.

A guerra chegaria. Aqui? À sua cidade? Embora o Sol ainda brilhasse no céu, de repente, a Rowan sentiu-se gelar.



UMA HISTÓRIA CHEIA DE FANTASIA,  
MISTÉRIO E DRAGÕES, COM UMA IMPORTANTE  
MENSAGEM SOBRE ADAPTAÇÃO À MUDANÇA,  
RESILIÊNCIA, CORAGEM E AMIZADE.

Quando a guerra ameaça a sua cidade,  
a Rowan e a mãe vão morar para a Floresta  
Negra, para junto de um avô que a Rowan  
não sabia que tinha.

Na floresta, tudo é novo, e, curiosa,  
a Rowan parte à descoberta. É assim que,  
inesperadamente, salva um dragão bebé de uns  
caçadores furtivos e descobre um segredo:  
o seu avô é um guardião selvagem.



Mas o que quererá isso dizer?  
Que outros mistérios estarão por descobrir?  
Perante novos perigos, a Rowan precisará  
de toda a sua coragem, e de muito mais,  
para salvar a floresta mágica.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  penguinkidspt

ISBN 9789897879463



9 789897 879463 >